

Lição 5 - As Potências da Alma em Geral

TEXTO 414a28-414b31 - LIVRO II, CAPÍTULO III

AS POTÊNCIAS DA ALMA EM GERAL

Das potências da alma já mencionadas, todas estão presentes em alguns seres, apenas algumas estão presentes em outros, e somente uma em outros ainda. Por potências da alma entendemos a vegetativa, a sensitiva, a apetitiva, a locomotiva e a intelectiva. §§ 279-87

Nas plantas existe apenas a vegetativa; em outros seres vivos, esta e a sensitiva; mas se a sensitiva está presente, a apetitiva também deve estar. Pois apetição significa desejo, e ira e vontade. Ora, todos os animais possuem o tato; e onde há sensação, há prazer e dor, o agradável e o repugnante. O que possui estas coisas tem apetite, sendo este o desejo por um objeto prazeroso. §§ 288-9

Além disso; todos possuem um sentido do nutriente, na medida em que o tato é esse sentido. Pois todos os seres vivos são nutridos por coisas secas e úmidas, ou quentes e frias; e o sentido do tato é destas. Mas eles são nutridos pelos outros objetos sensíveis apenas indiretamente. Som, cor e odor não contribuem em nada para a nutrição; e quanto ao sabor, ele se encontra nos objetos do tato. Sendo a fome e a sede apetites, a fome pelo quente e seco e a sede pelo frio e líquido, o sabor é como que o delectável nestes. Devemos resolver estas questões mais tarde; por ora, digamos apenas que os animais dotados de tato possuem também apetição. O caso da imaginação não é claro e deve ser examinado depois. Alguns animais, novamente, possuem movimento local; alguns, intelecto e mente — como os homens e quaisquer outros seres que existam de natureza similar, ou de uma ainda mais excelente. §§ 290-4

É, portanto, claro que a ideia de alma deve ser uma da mesma forma que a de figura: pois assim como não há figura além do triângulo e daquelas que dele derivam, também não há alma além das já mencionadas. Haverá, no entanto, no caso das figuras, uma ideia geral aplicável a todas as figuras, porém própria a nenhuma. O mesmo ocorre com estas almas recém-mencionadas. Daí ser absurdo buscar uma definição comum nesta matéria (ou em qualquer outra) que não seja a de nenhum ser existente, e, por outro lado, buscar definir em termos das espécies individuais sem levar em conta tal definição comum. Há, de fato, uma analogia entre o que vale para as figuras e o que vale para a alma. Pois naquilo que é consequente há sempre potencialmente aquilo que é primário, tanto nas figuras quanto nos seres animados. Assim como o triângulo está contido no quadrado, também a vegetativa está contida na sensitiva. §§ 295-8

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO CINCO

§ 279. Após definir a alma em geral, Aristóteles passa a tratar de suas 'partes'. Ora, a alma não tem partes, a não ser no sentido de que suas potencialidades são partes dela; nesse sujeito único, estando em potência para muitas atividades, sua potência com respeito a cada uma em particular pode ser chamada de parte dela. Tratar de suas partes é, então, tratar de suas várias potências. Isso ele faz aqui em duas seções principais: a primeira trata das potências da alma em geral e sua distinção umas das outras; a segunda, em 'Portanto, devemos falar primeiro', trata delas uma a uma. A primeira subdivide-se em (a) uma divisão das potências da alma; e (b), em 'Devemos investigar', uma discussão sobre o que precisa ser provado a respeito delas, e como e em que ordem. A própria divisão das potências (em 'é, portanto, claro') exige mostrar como a alma como um todo se relaciona com suas partes; mas antes de chegarmos a isso, as potências enumeradas precisam ser relacionadas entre si, o que ele faz em 'Nas plantas existe etc.'. Primeiramente, então, ele observa que, das potências já enumeradas, todas estão em alguns seres (homens); algumas estão em outros seres (os outros animais); e apenas uma está em ainda outros (plantas). E tendo chamado estas, anteriormente, não de 'potências', mas de 'partes' da alma, ele claramente implica que os dois termos significam a mesma coisa. Ora, dessas partes ou potências há cinco tipos principais: a vegetativa, a sensitiva, a apetitiva, a locomotiva e a intelectiva.

§ 280. Acerca dessa divisão quádrupla, duas coisas devem ser esclarecidas: (1) por que a divisão tríptica usual de potências em vegetativa, sensitiva e intelectiva é deixada de lado; e (2) por que ele já fez uma divisão quádrupla.

§ 281. Quanto a (1), devemos notar que todas as potências são definidas por seus atos próprios, e as potências operativas pelas atividades. A alma, sendo uma forma, possui potências operativas; portanto, pelas diferenças entre suas atividades, devemos diferenciar suas potências. Ora, como a atividade de algo é consequente e corresponde ao seu ser, devemos estudar as atividades vitais precisamente nos seres vivos que as manifestam.

§ 282. O ser das coisas cuja atualidade é 'alma', i.e., dos seres animados que existem nesta terra e são o sujeito da presente discussão, esse ser inclui dois fatores: um, material, no qual se assemelha ao ser de todas as outras coisas materiais; e o outro, imaterial, pelo qual tem algo em comum com o mundo das substâncias superiores.

§ 283. Há, portanto, esta diferença entre estas duas divisões do ser: na medida em que uma coisa é material, ela é restrita por sua matéria a ser esta coisa particular e nada mais, por exemplo, uma pedra; enquanto, na medida em que é *imaterial*, uma coisa está livre da restrição da matéria e possui certa amplitude e infinitude, de modo que não é apenas este sujeito particular, mas, em certo sentido, é também outras coisas. É por isso que tudo pré-existe, de algum modo, nas substâncias imateriais superiores, como em causas universais.

§ 284. Mas nas naturezas terrestres inferiores há dois graus de imaterialidade. Há a imaterialidade perfeita do ser inteligível; pois no intelecto as coisas existem não apenas sem matéria, mas também sem suas condições materiais individuantes, e igualmente apartadas de qualquer órgão

material. Depois, há o estado intermediário do ser sensível. Pois, assim como as coisas existem na sensação, estão livres da matéria, de fato, mas não estão sem suas condições materiais individuantes, nem apartadas de um órgão corporal. Pois a sensação é de objetos no particular, mas a inteligência é de objetos universalmente. É com referência a esses dois modos de existência que o filósofo dirá, no Livro III, que a alma é de certo modo todas as coisas.

§ 285. As atividades, portanto, apropriadas aos seres vivos em seu ser material são aquelas que atribuímos à alma vegetativa. Elas cumprem o mesmo propósito que as ações dos seres inanimados, isto é, alcançar e manter a existência; mas fazem isso de uma maneira mais elevada ou nobre. Os corpos inanimados são trazidos à existência e mantidos por um princípio motor exterior, enquanto os seres animados são gerados por um princípio intrínseco, isto é, a semente, e são mantidos em existência por um princípio nutritivo intrínseco. Parece característico dos seres vivos que suas atividades procedam assim de dentro deles mesmos. Mas as atividades puramente imateriais dos seres vivos identificamos com a parte intelectual da alma; enquanto aquelas intermediárias pertencem à sua parte sensitiva. Daí ser usual distinguir três tipos de alma: vegetativa, sensitiva, intelectual.

§ 286. Mas, uma vez que tudo existe como formado de uma certa maneira, o ser do sensível deve ter uma forma sensível, e o ser do inteligível, uma forma inteligível. Ora, toda forma tem por natureza certa tendência ou inclinação de onde procedem suas atividades ou operações. Assim, a forma do fogo tende naturalmente para cima (dando ao fogo sua leveza), de onde segue a *atividade* do fogo, que é o movimento para cima. Ora, a inclinação que procede de uma forma sensível ou intelectual é chamada *desejo* sensitivo ou intelectual; assim como a de qualquer forma na natureza é chamada desejo natural. E desse desejo segue-se a atividade do movimento local. Eis aqui, então, a explicação que requeríamos para a divisão quádrupla das potências da alma.

§ 287. E quanto ao segundo ponto, note que, quando Aristóteles quis mostrar que a alma era o princípio vital nas coisas que vivem, ele as dividiu em graus; os quais não são os mesmos que aqueles diferentes tipos de atividade vital de onde obtemos nossa divisão das potências da alma. Pois, dado que todas as coisas que sentem também desejam, o desejo ou apetição não constitui um grau distinto de ser animado; assim, ficamos com apenas quatro desses graus.

§ 288. Então, em 'Nas plantas há apenas', ele mostra a interconexão das potências da alma, explicando assim o que disse anteriormente, que todas essas potências estão em algumas coisas, algumas delas em outras, e apenas uma em algumas outras. Aqui temos que considerar que a completude do Universo requer que não haja lacunas em sua ordem, que na Natureza haja em toda parte um desenvolvimento gradual do menos para o mais perfeito. Daí, na *Metafísica*, Livro VIII, Aristóteles compara a natureza das coisas aos números; que aumentam em graus diminutos, um a um. Assim, entre os seres vivos, há alguns, i.e., as plantas, que têm apenas a capacidade vegetativa — a qual, de fato, devem ter, porque nenhum ser vivo poderia manter uma existência na matéria sem as atividades vegetativas. Em seguida, vêm os animais, com sensibilidade além da vida vegetativa; e a sensibilidade implica um terceiro poder, a apetição, que se divide em três: em *desejo*, no sentido mais estrito, que brota do apetite concupiscível; *ira*, correspondente ao apetite irascível — ambos estes estando na parte sensitiva e seguindo o conhecimento sensível; e finalmente *vontade*, que é o apetite intelectual e segue a apreensão intelectual.

§ 289. Que a apetição existe em todos os animais ele demonstra de duas maneiras. (1) Todos os animais têm pelo menos um sentido, o tato; mas onde há qualquer sensação há prazer e dor, alegria e tristeza. Ora, enquanto alegria e tristeza parecem brotar da apreensão interna, a dor e o prazer vêm das sensações externas, especialmente do tato. Mas alegria e tristeza implicam necessariamente algum objeto doce ou desagradável, i.e., algo prazeroso ou doloroso. Pois tudo o que é tocado ou é congenial a quem toca, e então dá prazer; ou é incongruente, e então dá dor. Mas tudo que pode sentir prazer e dor pode desejar o prazeroso. Visto que, então, todos os animais, sem exceção, têm o sentido do tato, todos podem desejar.

§ 290. (2) Este segundo argumento começa em 'Além disso, todos têm' e prossegue assim. Todos os animais têm o sentido que percebe o alimento; e este é o tato; que é, portanto, tão necessário a todo animal quanto comer o alimento que lhe é adequado. O fato de que é o tato que percebe o alimento fica claro se considerarmos que, assim como os corpos vivos são compostos de elementos quentes, úmidos, frios e secos, é desses que seu alimento deve consistir; e esses elementos são justamente o que o tato percebe. Mas 'outros objetos dos sentidos', ele diz, não nutrem, salvo indiretamente, os corpos vivos; eles o fazem apenas na medida em que estão envolvidos nos objetos do tato. Som, cor, cheiro não têm nada a ver com o alimento como tal; eles ocorrem no alimento apenas na medida em que coisas que soam ou são coloridas ou odoríferas são também quentes, ou frias, úmidas ou secas. O sabor, no entanto, é considerado uma qualidade tátil — de modo que o paladar é um tipo de tato. Claramente, então, todos os animais têm uma percepção sensível do alimento.

§ 291. Mas tudo que tem essa percepção pode sentir os dois desejos de nutrição, fome e sede. Fome é desejo pelos elementos quentes e secos, i.e., alimento; sede pelos frios e úmidos, i.e., bebida. O sabor é uma certa deleitabilidade no alimento e na bebida, indicando um equilíbrio adequado dos elementos quentes e frios, úmidos e secos. É mais um prazer acrescentado ao comer do que uma necessidade. O desejo, então, sempre acompanha o tato.

§ 292. O que a imaginação tem a ver com o desejo e a sensibilidade será mostrado mais tarde.

§ 293. Ora, além dessas três potências, a vegetativa, a sensitiva e a apetitiva, alguns animais também têm a capacidade de se mover de um lugar para outro. Alguns também, i.e., os seres humanos e qualquer outro tipo de seres, se tais existem, que se assemelham ou talvez até superam a humanidade, têm, além dessas quatro capacidades, o poder de entender ou intelecto. Os seres 'mais excelentes' são as substâncias imateriais e os corpos celestes, estes últimos, no entanto, apenas se estão vivos. Entre os seres vivos corruptíveis, apenas a raça humana é dotada de intelecto.

§ 294. Pois, assim como o intelecto não tem órgão corporal, os seres inteligentes não podem ser diferenciados de acordo com uma diversidade física na constituição de seus órgãos corporais, como são as diferentes espécies de animais (cujas diferentes constituições fazem com que sintam de maneiras diferentes).

§ 295. Então, em 'É, portanto, claro' ele mostra como sua definição de alma está relacionada às 'partes' que enumeramos. Para entendê-lo aqui, devemos lembrar o que Platão disse sobre as ideias universais, que elas tinham uma existência separada por si mesmas. Ele não disse, no

entanto, que objetos que se sucedem uns aos outros, como números e figuras geométricas, tinham uma ideia universal, i.e., ele não postulou uma ideia universal de Número à parte dos números particulares — assim como, para ele, havia uma ideia universal de Homem em adição a todos os homens existentes; e isso porque as classes de número são, por sua natureza, derivadas sucessivamente umas das outras, de modo que a primeira delas, a dualidade, é a causa de todas as restantes. Não há necessidade de postular uma ideia geral de Número como a causa das espécies numéricas. O mesmo argumento se aplica às figuras geométricas. Elas se sucedem da mesma maneira que os números: do triângulo vem o quadrilátero, e deste o pentágono.

§ 296. Aristóteles, então, diz que a ideia de Alma é una da mesma maneira que a da figura geométrica é una. Assim como não há figura existente à parte do triângulo e das demais, como sua ideia comum, assim é com a alma. Não existe 'alma à parte das partes que foram enumeradas.

§ 297. Mas, embora não haja (mesmo para os platônicos) figura existente à parte de todas as figuras, no entanto, uma definição comum pode ser encontrada que corresponda a todas as figuras, sem ser própria a nenhuma em particular. E o mesmo é verdadeiro para os seres vivos. Seria, portanto, ridículo buscar uma definição comum, seja de animais ou de qualquer outra coisa, que não se ajustasse a nenhum ser vivo particular realmente existente. Por outro lado, não bastará procurar uma definição que se ajuste apenas a um tipo de alma, ignorando o que todas têm em comum. Precisamos de uma definição comum que, no entanto, deve ser aplicável às almas em particular.

§ 298. Ele prossegue agora para mostrar a semelhança entre as duas definições, a saber, da alma e da figura geométrica. Em ambos os casos, o que vem primeiro está potencialmente no que se segue. Nas figuras, a figura de três lados existe potencialmente no quadrado; pois o quadrado é divisível em dois triângulos. Da mesma forma, o princípio vital sensitivo contém o vegetativo, tanto como potencial, por assim dizer, em relação à sensibilidade, quanto também como um certo princípio vital em si mesmo. O mesmo vale para as outras figuras e as outras divisões da alma.

Revision #1

Created 4 October 2026 19:35:10 by Admin

Updated 4 October 2026 19:35:49 by Admin